



MULHERES NO RADIOJORNALISMO: MAPEAMENTO DA PRESENÇA DE VOZES FEMININAS EM PROGRAMAS JORNALÍSTICOS DE RÁDIO

Tania Morales¹

Léslie Ferreira²

RESUMO: A presença feminina com posição de destaque em programas jornalísticos de rádio é um fenômeno recente que parece romper a histórica hegemonia de vozes masculinas. Este estudo mapeou as mulheres que ocuparam ou ocupam posição de apresentadoras ou debatedoras na faixa nobre das emissoras de radiojornalismo de alcance nacional. Os resultados apontam para um aumento gradual que se consolida em 2020, quando todos os programas da faixa nobre passaram a contar com mulheres apresentadoras. O avanço feminino, no entanto, não representa, por ora, equidade de gênero na condução dos programas. Os estereótipos vocais de gênero tornam desafiador para as mulheres atingirem o mesmo padrão de aceitação dos homens no radiojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: *Rádio. Radiojornalismo. Mulher. Voz. Estereótipo.*

ABSTRACT: The female presence in a prominent position in journalistic radio programs is a recent phenomenon that seems to have broken the historical hegemony of male voices. This study mapped the women who occupied or occupy the positions of presenters or debaters in the prime range of radio journalism stations with national reach. The results point to a gradual increase that was consolidated in 2020, when all programs in the prime range now have women presenters. The female advancement, however, does not represent, for the time being, gender equity in the conduction of the programs. Vocal gender stereotypes make it challenging for women to reach the same standard of acceptance as men in radio journal.

KEYWORDS: *Radio. Radio journalism. Women. Voice. Stereotype.*

¹ Jornalista. Apresentadora da rádio CBN. Mestranda do curso de Comunicação Humana e Saúde na PUC-SP. E-mail: tania.morales5@gmail.com

² Fonoaudióloga. Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana (UNIFESP-EPM). Professora Titular do Departamento de Teorias e Métodos em Fonoaudiologia e Fisioterapia, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Humana e Saúde e Coordenadora do Laboratório de Voz (LaborVox) (PUC-SP). E-mail: lesliieferreira@gmail.com

Revista ALTERJOR

Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)

Ano 13 - Volume 02 - Edição 26 - Julho-Dezembro de 2022

Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020

Introdução

O radiojornalismo é historicamente marcado pela prevalência de apresentadores homens. Nota-se que este padrão radiofônico parece estar se alterando com a presença crescente das mulheres no comando de programas jornalísticos. A mudança de paradigma de vozes no rádio levanta a discussão sobre o desafio, para as apresentadoras, de superar os estereótipos vocais associados ao gênero.

Antes de nos atermos às questões relativas às vozes femininas, é importante esclarecer que a voz transmite impressões sobre características pessoais de quem fala. Quem ouve interpreta a personalidade do outro a partir de concepções simplificadas, os estereótipos. A fala transmite estereótipos variados, desde aqueles de ordem social, como escolaridade e renda, até os biológicos, como tamanho, raça e gênero. Ao analisar dez experimentos, Allport (1934) percebeu que os ouvintes notam apenas os aspectos mais marcantes da fala, e não o seu conjunto de nuances. Eles são mais sensíveis a sinais específicos, que permitem interpretações generalistas de traços de personalidade. A conclusão é que essas simplificações são feitas a partir dos traços de personalidade comumente mais reconhecidos por um grupo social. Ou seja, os estereótipos variam de acordo com os valores de quem os atribui e eles são construídos socialmente.

Goffman (1995) destaca o papel dos estereótipos nas relações interpessoais. Para ele, nos baseamos em traços preconcebidos para inferir as características de personalidade do outro. Os estereótipos funcionam como bases de apoio para a avaliação entre os indivíduos, sobretudo quando há pouca ou nenhuma proximidade entre eles. Amossy (1997) propõe que a sociedade esteja alerta para os efeitos nocivos dessas imagens sociais cristalizadas que alimentam preconceitos, inclusive de gênero. A autora destaca algumas características estereotipadas sobre as mulheres, mencionando adjetivos como submissas, passivas, dependentes e emotivas.

Estudos em Fonética nos ajudam a compreender a origem biológica de alguns estereótipos de gênero associados à voz. Os denominados Códigos de Simbolismo Sonoro levam em consideração as condições anatômicas na produção da fala e dois deles estão

relacionados a diferenças fisiológicas entre homens e mulheres: o Código de Frequência e o Código Sirênico que serão explicados a seguir.

Ao definir o Código de Frequência, Ohala (1994) explicita que as razões para a atribuição de sentido de força ao som da voz grave têm origens atávicas. Ele transporta para os humanos a teoria de Morton (1977) sobre vocalizações de animais: espécies com maior compleição física emitem sons mais graves e potentes, enquanto vocalizações agudas são emitidas por animais menores e mais frágeis. Por essa teoria, a vocalização é uma sinalização de poder ou submissão entre espécies de animais, dependendo do potencial físico de cada uma. Ao extrapolar essa teoria para os humanos, Ohala (1994) chama atenção para um aspecto que não aparece entre os demais animais. Ele destaca que entre humanos, portanto dentro de uma mesma espécie, há variações de vocalização dependendo do gênero biológico. Homens e mulheres têm diferentes dimensões na anatomia vocal, o que resulta em vozes mais graves nos homens. Ohala (1994) supõe que a acústica masculina tenha se constituído mais potente e ameaçadora no processo de seleção natural para realçar o papel masculino de proteção física do núcleo familiar.

Assim como o Código de Frequência de Ohala, o Código Sirênico também se baseia em distinções da anatomia vocal entre homens e mulheres. Gussenhoven (2016) observou que a qualidade de voz soprosa é mais frequente em mulheres por razões fisiológicas que provocam escape de ar. O termo “sirênico” remete à sereia porque a voz sussurada em uma mulher passa o sentido de sensualidade. Addington (1968) identificou que a mulher com voz soprosa é percebida como feminina, pequena, imatura e bonita. Nos homens, por outro lado, a voz soprosa é entendida como sinal de sensibilidade artística.

Os dois códigos (Código de Frequência e o Código Sirênico) são de simbolismo sonoro, que explicam a diferença de vozes entre homens e mulheres como resultado de variações na constituição física. Essas variações de natureza meramente anatômica, no entanto, geram sentidos que reforçam os estereótipos de gênero.

Transpondo esses conceitos para a questão a ser discutida nesta pesquisa vale destacar que o som, por si, produz efeitos de sentido, de acordo com Gussenhoven (2016);

ou seja, na direção do que foi apresentado, uma voz grave, por exemplo, transmite força e segurança, enquanto uma voz aguda ou soprada, por outro lado, remete à fragilidade e submissão.

No radiojornalismo parece haver uma tendência à valorização de vozes graves por imprimirem credibilidade à informação. Como, por sua constituição física, os homens emitem sons de frequência mais baixa, para eles é mais fácil corresponder a esse padrão vocal. Para as mulheres, o desafio é maior e apenas mais recentemente elas vêm conquistando espaço na apresentação do noticiário.

Considerando que a produção vocal é um processo flexível e dinâmico (CHUN e MADUREIRA, 2015) é razoável supor que as pessoas em geral, e os profissionais do rádio em particular, busquem ajustes vocais que lhes garantam uma qualidade de voz mais agradável ao público. No caso das apresentadoras, parece haver uma preferência delas em adotar emissões utilizando frequências mais graves. Isso é possível porque temos alguma autonomia sobre o tipo de voz que adotamos, para além das determinações biológicas. Para entendermos melhor essa ideia, vamos recorrer à linha de pensamento que concebe a voz como produção social e não exclusivamente como resultado de fatores como gênero, idade e estrutura física de fonação dos indivíduos. A abordagem da voz como processo dinâmico tem um marco importante nos estudos de Sapir (1927). O linguista identificou que os padrões sociais interferem na voz, gerando o que ele chamou de ajustes vocais, ou seja, traços que ultrapassam a estrutura vocal orgânica.

Aprofundando os estudos sobre o aspecto social da voz, o também linguista Abercrombie (1967) percebeu que os ajustes vocais interferem de tal modo, que são capazes de alterar características que formam o que ele chamou de qualidade de voz. Por essa perspectiva, a voz passa a ser estudada como resultado de um conjunto de nuances, que incluem traços individuais e influências externas de ordem social e cultural.

O conceito de qualidade de voz contribuiu para o estudo da fala com bases mais objetivas, levando ao surgimento, na década de 1980, do modelo de análise fonética proposto por Laver (1980), ele igualmente um linguista interessado na abordagem social

nos estudos da voz. Pittam (1994) identificou que os valores sociais interferem não apenas na fonação, mas em outros aspectos determinantes da voz, como a articulação.

A presença crescente de mulheres na apresentação de programas jornalísticos de rádio sinaliza para a flexibilização da prevalência das vozes masculinas e levanta questões sobre o contexto em que se dá a fala das mulheres no comando dos programas. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é mapear a presença de mulheres em posição de destaque, seja como apresentadoras ou debatedoras fixas, em programas na faixa de maior audiência (a saber das 6h às 9h), de emissoras de radiojornalismo de alcance nacional.

Método

Esta pesquisa de tipo descritivo se concentrou na coleta de dados nas únicas emissoras de radiojornalismo com transmissão de alcance nacional, a saber: Bandeirantes, BandNews, CBN e Jovem Pan. O mecanismo de busca foi iniciado pelos canais oficiais dessas emissoras. Por meio dos respectivos *sites*, na internet, foi possível obter os nomes dos apresentadores e comentaristas da grade da programação atual. O levantamento dos nomes de ex-apresentadoras e ex-comentaristas foi solicitado às equipes de *marketing* de cada emissora, contactadas por *whatsapp*. Frente à falta de registro de alguns dados, foi feito contato com profissionais e ex-profissionais de cada emissora, incluindo algumas das apresentadoras citadas nesta pesquisa. Nesse momento os colaboradores foram questionados sobre a presença das profissionais femininas no horário nobre. Pelo menos dois profissionais de cada emissora foram consultados para confirmar os dados. Por fim, os nomes levantados foram objeto de busca na *internet*, visando confirmar as datas de atuação das profissionais pesquisadas. Recorreu-se a registros de vídeo dos programas e a informações publicadas na *internet* ao longo dos anos para apurar as datas de contratação e desligamento dessas jornalistas.

O levantamento considerou como prioritário buscar as mulheres que ocupam atualmente ou no passado espaço de destaque nos programas jornalísticos, na condição de apresentadoras ou debatedoras fixas, no horário nobre das emissoras selecionadas, a saber entre 6h e 9h. Não foram consideradas aquelas que atuaram como linha auxiliar dos

âncoras José Paulo de Andrade e Ricardo Boechat, porque esses eram claramente os apresentadores principais dos programas nas emissoras Bandeirantes e BandNews, respectivamente.

Este levantamento foi realizado de agosto de 2021 a janeiro de 2022.

Os dados foram analisados e apresentados de forma descritiva (numérica), com o intuito de mapear o registro da presença de mulheres em programas jornalísticos no horário considerado nobre no radiojornalismo.

Resultados

O QUADRO 1 detalha o registro de mulheres presentes em programas jornalísticos em período considerado nobre nas emissoras pesquisadas

Quadro 1 – Presença das mulheres no horário nobre do radiojornalismo

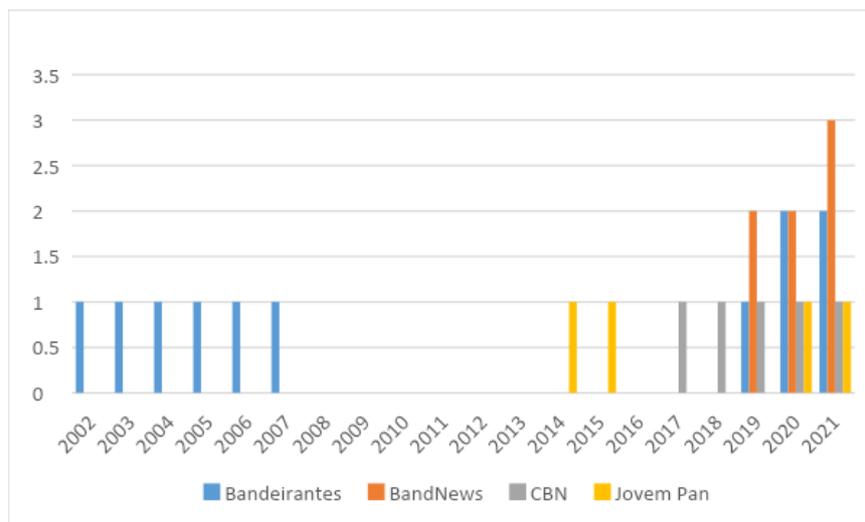
Emissora	Programa	Horário	Jornalista	Modalidade	Início	Final
Bandeirantes	O Pulo do Gato	6h às 7h	Silvânia Alves	Coapresentadora	2020	Em andamento
	Jornal Primeira Hora	7h às 8h	Izabella Camargo	Coapresentadora	2020	Em andamento
	Jornal Gente	8h às 10h	Maria Lydia Flandoli	Comentarista debatedora	2002	2007
			Thaís Herédia	Comentarista debatedora	2019	2020
			Thays Freitas	Apresentadora	2020	Em andamento
BandNews	Expresso São Paulo	5h às 7h	Helen Braun	Coapresentadora	2021	Em andamento
	Jornal BandNews	7h às 9h	Carla Bigatto	Coapresentadora	2019	Em andamento

			Sheila Magalhães	Coapresentadora	2019	Em andamento
CBN	Jornal da CBN	6h às 9h	Cássia Godoy	Coapresentadora	2017	Em andamento
Jovem Pan	Jornal da Manhã	6h às 10h	Maria Lydia Flandoli	Comentarista debatedora	1979	1983
			Rachel Sheherazade	Comentarista debatedora	2014	2015
			Silvia Poppovic	Comentarista debatedora	2015	2015
			Kallyna Sabino	Coapresentadora	2020	2020
			Adriana Reid	Coapresentadora	2020	Em andamento

Fonte: Morales,2022

O gráfico 1 resume a participação das mulheres no horário nobre nas rádios pesquisadas, a partir dos anos 2000 e evidencia a consolidação nos últimos três anos. A Rádio Bandnews lidera em número de mulheres nessa faixa.

GRÁFICO 1 - Presença de mulheres em emissoras de radiojornalismo a partir dos anos 2000



Fonte:Morales,2022

Discussão

Os dados apresentados registram que a presença de mulheres em programas jornalísticos do horário nobre do rádio se deu inicialmente por meio de casos isolados, entre 1979 e 2014, e, a partir daí, foi ganhando consistência até se consolidar em 2020, quando todos os programas dessa faixa passaram a contar com apresentadoras dividindo espaço com os homens nas emissoras de alcance nacional analisadas, a saber, Bandeirantes, BandNews, CBN e Jovem Pan.

A primeira vez que uma mulher ocupou posição de destaque no horário nobre foi em 1979, na Rádio Jovem Pan, quando Maria Lydia Flandoli passou a integrar a equipe de comentaristas debatedores do Jornal da Manhã, permanecendo no posto até 1983. Essa mesma comentarista, depois de um intervalo de quase 20 anos, ocupou a mesma posição em programa matutino do radiojornalismo, dessa vez na Rádio Bandeirantes, como uma das debatedoras fixas do Jornal Gente, de 2002 a 2007. A partir de sua saída do jornal, houve um intervalo de oito anos até que novamente surgisse uma voz feminina em posição de destaque nessa faixa de horário, com a contratação de Rachel Sheherazade em 2014, pela rádio Jovem Pan. Nos anos seguintes, as demais emissoras pesquisadas começaram a incluir mulheres na apresentação dos programas no horário de maior audiência. Certamente foi somente em 2020 que a presença feminina se consolidou simultaneamente nas quatro emissoras de radiojornalismo pesquisadas. Os dados indicam que a evolução da presença feminina na programação jornalística do rádio se dá, de início, a partir de contratações pontuais de mulheres, que representaram exceções no ambiente até então de domínio dos comunicadores homens. O intervalo de oito anos entre a saída de Maria Lydia Flandoli e a chegada de Rachel Sheherazade ao rádio indica que as emissoras priorizavam a voz masculina a ponto de os homens ocuparem com exclusividade o comando dos programas, sem que isso gerasse qualquer estranhamento, inclusive do público. A presença feminina em posições de comando no radiojornalismo é um fenômeno que ganhou impulso sobretudo a partir de 2020.

O levantamento realizado considerou as mulheres que ocuparam ou ocupam posição de protagonismo na faixa nobre destas emissoras, condição exercida pelos

apresentadores e, dependendo do formato, também por comentaristas debatedores, funções detalhadas a seguir. O Jornal Gente, da rádio Bandeirantes, por exemplo, tem como marca o debate entre comentaristas fixos, sob a mediação de um(a) apresentador(a). Os comentaristas debatedores comentam o noticiário ao longo de todo o programa, com exposição equivalente à do(a) apresentador(a). Vale chamar a atenção neste caso para o fato de que esse Jornal passou a ser apresentado por uma mulher, pela primeira vez, em 2020, com Thays Freitas. Ela ocupa a posição de apresentadora no programa, acompanhada dos comentaristas, em sua grande maioria, homens.

As demais mulheres que aparecem nesta pesquisa estão na condição de coapresentadoras. Isso quer dizer que elas não apresentam sozinhas. Todas atuam ao lado de um apresentador homem, nem sempre em condição de igualdade. No caso do Jornal da Bandnews, a apresentação é conduzida por um trio que inclui Carla Bigatto e Sheila Magalhães. São duas mulheres e um homem, e é ele quem ocupa a posição de principal apresentador, uma vez que opina sobre o noticiário e conduz o ritmo do programa. No Jornal da CBN também cabe ao homem a posição de apresentador principal. Mas nem sempre é dessa forma. No Jornal Primeira Hora, da Bandeirantes, e no Jornal da Manhã, da Jovem Pan, as duplas de apresentadores conduzem os programas de forma equilibrada.

119

Conforme mencionado por ocasião da apresentação do método, optou-se por não considerar nesta pesquisa as mulheres que acompanharam os apresentadores José Paulo de Andrade e Ricardo Boechat porque ambos detinham total protagonismo na condução dos programas. O Jornal da BandNews foi apresentado por Boechat até 2019, ano de sua trágica morte, por acidente aéreo. José Paulo de Andrade conduziu os programas O Pulo do Gato e Jornal Gente, na Bandeirantes, até 2020, quando faleceu por Covid-19.

A nova configuração dos programas que perderam seus apresentadores consagrados se caracterizou pela ampliação do espaço para as vozes femininas, embora, em dois dos três noticiários, o comando tenha se mantido masculino.

O aumento da presença feminina representa uma mudança de paradigma nos programas de radiojornalismo, marcados historicamente pela presença de homens em posição de destaque. O fato de as mulheres ocuparem postos até então exclusivos dos

homens representa claramente um avanço para se atingir a equidade entre homens e mulheres nos programas jornalísticos. A mudança recente na configuração de gênero entre jornalistas de rádio levanta questões a serem aprofundadas futuramente. Vale questionar se mulheres e homens têm o mesmo destaque nos programas que apresentam juntos e se atuam com o mesmo padrão de salário e carga horária. Uma observação preliminar aponta para o predomínio do comando masculino, uma vez que o conteúdo da fala dos homens parece ter maior peso editorial.

A presença crescente de mulheres no radiojornalismo aponta para uma mudança na cultura das emissoras. O ritmo do processo de ampliação do espaço feminino na programação será ditado pela resposta dos ouvintes. Por isso é relevante identificar se eles percebem as vozes femininas com a mesma credibilidade atribuída às vozes masculinas. Neste ponto, vale atentar para os estereótipos de gênero associados à voz, preconizados pelos Códigos de Simbolismo Sonoro mencionados na introdução deste estudo. A partir da expectativa do público, por outro lado, vale refletir se as mulheres, no radiojornalismo, recorrem a ajustes vocais que as aproximem da fala dos apresentadores, considerando autores como Abercrombie (1967) Sapir (1972) e Laver (1980), para quem os padrões sociais interferem na voz. O tema que envolve os estereótipos de gênero no rádio, aqui tratado a partir de uma concepção binária, permite também abordagens mais abrangentes, de forma a abarcar experiências no rádio de vozes de pessoas transgênero.

Em que pese a falta de registros oficiais das emissoras, este estudo identificou o aumento numérico de mulheres em posições de comando no radiojornalismo, um quadro que merece ser compreendido com mais profundidade por meio de estudos que identifiquem e comparem, de um lado, a percepção e preferência dos ouvintes e, de outro, a forma como os jornalistas do rádio fazem uso da voz.

Conclusão

A presença das mulheres em posição de protagonismo no radiojornalismo brasileiro tem sido crescente apenas a partir da segunda década deste século. O avanço

feminino, no entanto, não representa, por ora, equidade de gênero na condução dos programas, uma vez que ainda predomina o comando masculino no horário nobre.

Agradecimentos:

Colaboraram para esta pesquisa os seguintes profissionais do rádio: Cássia Godoy, Daniel Lian, Douglas Ritter, Leandro Gouveia, Maria Lydia Flandoli, Rafael Colombo, Thays Freitas, Thiago Barbosa e Xico Prado.

Referências

ABERCROMBIE, D. **Elementsof General Phonetics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

ADDINGTON, D.W. **The relationship of selected vocal characteristics to personality perception**. *Speech Monographs*. 1968; 35(4): 492-503.

ALLPORT, G.W. CANTRIL, H. **Judging Personality from Voice**. *J SocPsychol*. 1934; 5(1): 37-55.

AMOSSY, R; HERSHBERG-PIERROT,A. **Stéréotypes et clichés: langue, discours, société**. Paris; 1997.

CHUN, RYS; MADUREIRA, S. **A voz na interação verbal: como a interação transforma a voz**. *Revista Intercâmbio*, v. XXXI: 112-138, 2015. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X137

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

GUSSENHOVEN, C. **Foundations of Intonational Meaning: Anatomical and Physiological Factors**. *Top CognSci*. 2016. 8: 425-434. <https://doi.org/10.1111/tops.12197>

HINTON, L; NICHOLS,J; OHALA, JJ. **SoundSymbolism**. Cambridge University Press . 1994.

LAVIER, J. **The Phonetic Description of Voice Quality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980

MORTON, ES. **On the occurrence and significance of motivation-structural rules in some Bird and mammal sounds**. *American Naturalist*. 1977; 111: 855-869.

PITTAM, J. **Voice in Social Interaction: An Interdisciplinary Approach**. *Language and Language Behaviors*, vol. 5. California: Sage Publications Inc. 1994.

SAPIR, E. **Speech as a Personality Trait** (1927). In: LAVER, J. e
HUTCHESON, S. (orgs.). **Communication in Face-to-Face Interaction**. Great Britain:
Penguin Books, pp.71-81, 1972.